

## EDITORIAL

É ao menos curioso o vínculo que têm as palavras “professor” e “profeta”. De modos, a princípio, distintos, ambos “professam”, ou seja, toram algo público. *Profiteri* quer dizer, justamente, publicar, e aqui poderíamos, inclusive, imaginar alguma relação deles com a função de uma revista... Mas, voltando à etimologia, os verbos *fateri*, do professor, e *phanai*, do profeta, embora se aproximem, dizem respeito a ações distintas: enquanto no último temos a acepção mais objetiva do “falar”, o primeiro remete à prática, originalmente religiosa, da confissão. Nem todo ato de fala realiza uma confissão, bem sabemos. Sobre isso, parece interessante observar a distinção que faz a Psicanálise entre uma fala vazia, um “burburinho”, e uma fala “preenchida pelo ser do sujeito”. Na segunda, temos um engajamento do sujeito e, com ele, a presença do desejo. Nessa fala que confessa e demanda reconhecimento, que presentifica o sujeito do desejo no mundo, temos o aparecer de uma “promessa” e, com ela, com esse ato de engajamento, o tempo futuro – pois o “presente” do desejo é sempre, e necessariamente, saturado de temporalidades pendentes. Neste ponto talvez possamos ver a diferença mais radical do professor em relação ao profeta, dada talvez menos pelos verbos já mencionados que pelo modo como o prefixo *pro* se liga a eles. Pois o *pro* – à frente, adiante, diante de – pode indicar tanto uma posição espacial quanto temporal. *Pro*-feta é aquele que fala “antes”, enquanto *pro*-fessor, nos diz a tradição, é o que confessa “diante de”. Todavia, podemos temporalizar tal gesto e dizer que enquanto o profeta promete o tempo futuro, o professor promete “algo” ao tempo futuro. Tal distinção é radical, pois, no segundo caso, o futuro não está garantido. A confissão que engaja o sujeito, pela fala, no tempo, recusa o próprio tempo como necessidade reconhecendo-o como contingência: o tempo futuro não está dado, mas depende do seu ato de fala engajada, da sua aposta – desejante – no próprio tempo. O professor depende, assim, sem ressalvas, daquele “algo” que é seu objeto de aposta, de promessa: o aluno, os *alumni* – aqueles que não se deixam capturar integralmente pelas luzes que ofuscam a percepção, que recusam qualquer tutoria aprisionadora. O que o professor confessa, publicamente, ao mundo, é que, na figura do aluno, o mundo ainda-não-é e o próprio tempo ainda-não se realizou. Pois não há tempo porvir senão pelo desejo – e, mais, não há tempo porvir senão por uma aposta engajada, ora, revolucionária, no desejo.

Diogo C. Nunes  
Editor